

**FIGURA NA SOMBRA OU AIMÉ BONPLAND**  
**HABITANDO A DISTÂNCIA E O ESQUECIMENTO**

Zilá Bernd  
CNPq/UFRGS/Unilasalle

**“No pampa tudo é passado”** (*Figura na sombra*, p. 3)

“No pampa tudo é passado”, afirma o autor Luiz Antonio de Assis Brasil, nas primeiras páginas de *Figura na sombra* (2012). Se tudo é passado, tudo é memória, embora a palavra memória esteja quase ausente desse delicado retrato da vida de uma figura quase esquecida dos discursos oficiais. A palavra esquecimento, contudo, é mencionada inúmeras vezes e, como sabemos, não há memória sem esquecimento, ambos constituindo não uma relação de oposição dialética, mas de complementaridade. Desde que iniciou a série Visitantes ao Sul, com *O Pintor de Retratos*, em 2001, seguido de *A margem imóvel do rio* (2003) e depois de *Música perdida* (2006), Luiz Antonio de Assis Brasil flerta com a ideia do olhar estrangeiro sobre o Brasil e mais especificamente sobre o Rio Grande do Sul e agora, com esse último romance, sobre a parte sul do continente incluindo Uruguai, Argentina e Paraguai, ou seja, a região que outrora abrigou as Missões Jesuíticas. No primeiro caso (*O pintor de retratos*), trata-se de um europeu, no segundo de um cronista do Rio de Janeiro, enviado pelo Imperador e, em *Música perdida*, do maestro Mendanha, oriundo de Minas Gerais. Todos chegam ao Sul, mais ou menos por acaso, lançando de início um olhar carregado de exotismo, ou seja, o olhar que fica na exterioridade do que é observado, e que pode evoluir para um conhecimento aprofundado por parte destes “forasteiros” sobre o conjunto de representações que compõem a identidade sulina. Com *Figura na Sombra*, volume que encerra a tetralogia Visitantes ao Sul, o círculo se fecha apresentando novamente a figura de um europeu, no caso um francês, Aimé Bonpland, médico, botânico, naturalista (ou herborista como se chamava no século XIX), que vem à América investigar a diversidade das espécies vegetais em companhia da figura eminente de Alexander von Humboldt.

Cabe avaliar nesse saboroso texto, escrito em ritmo lento já que se trata do relato de e sobre um octogenário, a visão da América de Bonpland e Humboldt e a lenta impregnação às culturas das Américas tanto do ponto de vista físico – a exuberância da flora e da fauna americanas os fascinou desde o primeiro dia dos 5 anos de duração da primeira viagem -

quanto do ponto de vista humano. Os trânsitos transculturais entre os dois eruditos europeus e as pessoas que iam encontrando em seu diversificado percurso está entre os aspectos mais interessantes do livro, sobrepujado apenas pelo gosto do autor em focalizar as figuras opacas, que ficam à sombra, enquanto outros brilham. Foi o caso do pintor de retratos que permaneceu no anonimato enquanto Nadar, seu ídolo, brilhava diante dos holofotes da opinião pública francesa. E é o caso também de Aimé Bonpland que, embora tenha assinado várias obras com Humboldt, seu nome não logrou ter a mesma repercussão. Em suma, em *Figura na sombra*, Assis Brasil revisita tais temas de maneira obsessiva, temas esses que já emergiram em sua obra, mesmo antes de iniciar-se a tetralogia, como em *Breviário das terras do Brasil* (1992). Além do tema dos viajantes, dos estrangeiros que visitam o Brasil, da transculturação e das figuras à sombra, ou seja, que ficam na dependência do aval europeu para se consagrarem, um outro tema vem preocupando o autor desde *Música perdida: a velhice*. Com base no célebre ensaio de Cícero, *De Senectute*, Assis Brasil justifica o relato de Aimé Bonpland a Robert Avé-Lallemant, outro estrangeiro que vem ao sul, no ano da morte da personagem, para colher o relato do principal colaborador de Humboldt: “Uma posteridade só existe quando a vida é contada a alguém” (A. Brasil, 2012, p. 209). Narrar o vivido torna-se imperioso para o velho que pretende com isto deixar uma marca para a posteridade.

O relato ganha força justamente pelo fato de conhecermos os acontecimentos do ponto de vista de uma figura que ficou à sombra (“à sombra de Humboldt, à sombra do que é bom e que é belo, à sombra do amor” (2012, p. 213), e não a partir da ótica de quem se celebrou (Humboldt).

### **O relato do octogenário**

A narrativa em primeira pessoa, iniciada em 1858, na estância Santa Ana, de Corrientes (Argentina), no ano da morte de Aimé Bonpland, só ocorre nas páginas iniciais, quando o protagonista, assumindo a primeira pessoa do discurso, fala ao pesquisador Avé-Lallemant (autor de uma das biografias de Bonpland) e nos quatro “entreatos”, que interrompem uma narrativa em terceira pessoa, rica em detalhes geográficos, em descrições das numerosas aventuras e da paixão pelas plantas de Bonpland e Humboldt, em sua primeira viagem (1799-1804).

Nos quatro “entreatos”, tece-se o jogo entre o autobiográfico e o autoficcional quando o protagonista insiste em desvelar duas vezes a seu interlocutor os fios de seu vivido nas Américas. No primeiro relato apresenta os fatos tais como lhe ditava a razão e tal como pensava que seriam reproduzidos por Avé-Lallemant quando publicasse, na Europa, a

história dos seus mais de 40 anos vividos no sul do continente americano. No segundo relato, deixa emergir aquilo que o emociona, como sentiu e percebeu as situações de sua existência e, sobretudo, suas expectativas de ser perdoado pelas infidelidades cometidas principalmente em relação a Humboldt cujo projeto monumental de escritura, ele abandona, após o retorno à Europa, para dedicar-se de corpo e alma às estufas de Josefina, a esposa de Napoleão, nos jardins de Malmaison.

Ao duplicar o relato objetivo, acrescentando um outro carregado de sensibilidade e afeto, demonstra considerar a emoção imprescindível para compreensão dos fatos. Percebe-se que o cientista Bonpland transformou-se em contato com os habitantes do Novo Mundo. O cientista onipotente que nomeava as espécies americanas com nomes latinos para convocá-las a uma nova existência, aprende finalmente que sentir também é uma forma de conhecer. Como argumenta Sandra Pesavento, “a sensibilidade assume um caráter relacional, como percepção do mundo, entre aquilo que é dado a ver e o que pode ser visto de forma indireta. Sentir é uma forma de conhecer – emoções e sentimentos – o que não elimina processos cognitivos de outra ordem, próximo ao mundo da ciência” (Pesavento, 2008, p. 25).

Luiz Antonio de Assis Brasil evidencia com esta estratégia do duplo relato, que “o acontecimento lembrado é sem limites” enquanto “um acontecimento vivido é finito” (Benjamin, 1994, p. 37).

Entre a primeira viagem, em companhia de Humboldt, ambos deslumbrados e extasiados diante das mais de 60.000 espécies que recolhem, nomeiam e classificam, e a segunda em que vem para o sul da América do Sul, com o intuito de permanecer, a relação com o Outro é bastante diversa. Na primeira, sente-se como se fosse um Novo Adão a pisar no paraíso, para redescobrir a América, prevalecendo o espírito científico, a obsessão em atribuir nomes científicos às plantas que observam pela primeira vez e também aos pontos geográficos como vulcões, embocaduras de rios em diferentes países do Caribe (Cuba), da América do Sul (Venezuela, Peru e Colômbia) e da América do Norte (México e Estados Unidos). Falam em francês aos índios ou através de intérpretes e a relação com o outro é sobretudo de estranhamento. O esquema binário nós/eles permanece e o reconhecimento do Outro como sujeito não chega a se dar plenamente, embora se relacionem e perseverem durante cinco longos anos em meio a grandes adversidades, incluindo a contaminação com doenças como a malária.

A segunda viagem é totalmente diferente: Bonpland aprende, além do espanhol, a língua dos índios (guarani), chegando a casar-se com uma índia de quem terá dois filhos, adquire terras, passando a reconhecer os autóctones como sujeitos e a viver a alteridade como relação com o outro no Diverso. São tão profundas as trocas que estabelece, que traduz seu nome para Don Amado Bonpland e passa a dedicar-se ao estudo da erva-mate,

produto que o fascina e desafia, pois àquela altura a *yerba* não é plantada de forma sistemática, nascendo de forma espontânea. Em seu contato com os indígenas toma conhecimento de que desde a expulsão dos jesuítas, em 1770, o segredo sobre o cultivo desta planta se perdeu. Decide aceitar o desafio de inventar ou reinventar o método que permite seu cultivo através da quebra da casca que, por ser muito resistente, impede a germinação das sementes. Aprende com os autóctones a utilizar o índigo que ajuda a partir as sementes.

Bonpland irá dedicar sua vida a produzir ervais cada vez mais viçosos e abundantes e cuidar de um exemplar da rosa de Josefina que o acompanha em suas andanças entre Corrientes (Argentina), São Borja (Brasil) e o Paraguai onde permaneceu prisioneiro do caudilho Francia por 9 anos. Seu método de cultivo da erva-mate provoca suspeitas no déspota que não via com bons olhos a erva ser cultivada fora do Paraguai, com medo de vir a perder o monopólio de sua venda.

**“Tudo é diverso, tudo é frágil, tudo é múltiplo e surpreendente”** (2012, p.9)

A primeira viagem de Bonpland e Humboldt às Américas foi qualificada por Bonpland de errática, ou seja, aquela que se dá ao sabor das circunstâncias e do acaso. A viagem, a longa travessia do Atlântico da Europa para América Central, foi motivada pela curiosidade científica, tendo sido diversas vezes ampliada em sua abrangência geográfica e na sua duração, tornando-se, ao mesmo tempo, uma busca interior. A viagem teve, portanto, um caráter de positividade: para além da inegável importância científica, teve um caráter iniciático, de descoberta de si mesmos e da relação com a alteridade radical dos autóctones; e um caráter de negatividade, de desenraizamento involuntário, de desterritorialização que irá marcar os naturalistas para o resto de suas vidas. Como lembra Rita O.-Godet, a etimologia de **errar** contém uma duplicidade de sentido: do latim *iterare*, que aponta para viajar, vaguear; e *errare*, que remete a incorrer em erro, em engano (2010, p. 190). Para os dois naturalistas, a errância de cinco anos por diversas regiões das Américas foi marcada por grandes descobertas científicas e pelo desenvolvimento de afinidades sentimentais entre ambos, transformando a travessia de fronteiras e o desbravamento de terrenos inóspitos em descobertas interiores.

Essa América “diversa, frágil, múltipla e surpreendente” marcará de forma diferente os dois amigos: enquanto Humboldt retorna do Novo Mundo à velha Europa disposto a revelar ao mundo a diversidade e a multiplicidade americanas, Bonpland ficará para sempre marcado por tal diversidade, fazendo com que se decida a emigrar em 1816 para o sul da América do Sul (primeiramente Buenos Aires), onde permanecerá – alternando diversos deslocamentos – até sua morte em 1885.

## Quarenta e dois anos de nomadismos

A segunda viagem de Bonpland dá início a um longo exílio que durará 42 anos. Se falamos de errância para caracterizar a primeira viagem de 5 anos, essa segunda viagem será marcada por uma mobilidade constante por todo o perímetro que outrora constituía as reduções jesuíticas que ia de Buenos Aires até o Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além do Uruguai e do Paraguai.

Contrariamente ao errante, que ignora onde seus passos o levarão, o nomadismo pressupõe uma memória dos lugares que é conservada pelo pastor ou pela comunidade, com a finalidade de orientar os deslocamentos da tribo. No caso de Aimé Bonpland seus deslocamentos de Buenos Aires, à fazenda Santa Ana, em Corrientes, na Argentina, dali para terras pertencentes ao Paraguai, sua volta a Bagé e finalmente o retorno à Argentina são marcados pela busca incessante do desvendamento do segredo da germinação da *Ilex paraguariense* (erva-mate) nome atribuído pretensamente por Saint-Hilaire, já que Bonpland nomeou-a *Ilex Humboldtiana*, para prestar homenagem a seu amigo distante, confirmando seu lugar à sombra desse importante botânico. Para Aimé/Amado Bonpland o conhecimento dessa espécie significava conhecer melhor e mais profundamente a América: “Essa *yerba* era a América intocada pela antiquíssima e circumspecta Europa” (p.189).

Homem das Luzes, Bonpland tende a proceder a análises rigorosamente científicas desta planta que tem tantas utilidades para os autóctones do Novo Mundo. Entende, contudo, que precisa dos conhecimentos empíricos dos indígenas e pessoas que conviveram com os jesuítas. É nesse momento que se operam os processos de transculturação, ou seja, do encontro de dois saberes - o do europeu do século das Luzes e o dos autóctones - são gerados conhecimentos novos e originais. Assim, o cientista tão preocupado em nomear as espécies, termina admitindo que Josefina - que amava as plantas a ponto de tentar aclimatar na França, flores oriundas do Caribe (mais especificamente da Martinica de onde era originária) - tinha razão em não querer saber o nome científico das plantas, pois preferia admirá-las por sua beleza e perfume.

Rose, Rose<sup>1</sup>, hoje entendi a razão da minha longa vida. Essa matéria má que me perseguiu, tudo isso me perdoou. Esquecendo os nomes que os botânicos dão às plantas, eu penso igual a você, Rose. Agora esses matos, esse rio Uruguai, serão meu túmulo. Rose, a ti meu último pensamento (2012, p. 216).

---

<sup>1</sup> Rose era o nome atribuído à Imperatriz Joséphine por Bonpland, pois depois de sua morte em 1814, ele jamais se separou da rosa que aclimatou e á qual nomeou Imperatrix.

## Figuras na sombra

Do “poço de esquecimento” que constitui a vida humana, as derradeiras lembranças do Gringo Loco - como Bonpland foi chamado por alguns - e Caraí Arandu (sábio) - pelos índios que com ele conviveram - estão profundamente associadas a seus afetos mais importantes e que perduraram ao longo de toda a sua vida, cheia de tristezas, perdas e frustrações. Após 42 anos de exílio na América, não esqueceu três coisas: da variedade de rosa – Imperatrix Josephina – e da Ilex Humboldtiana, nome que deu à erva-mate cultivada em tributo a seu amigo e mestre. Havia, contudo, um terceiro nome que ele afirmava, só se lembraria quando sentisse a morte se aproximar: Ceroxilon, palmeira da América do Sul (Bonpland 1804), por ele descrita quando de sua primeira viagem ao solo americano. De todo o imenso cabedal de conhecimentos científicos que possuía, o que preservou foram memórias afetivas; as duas primeiras ligadas às pessoas que tiveram maior importância em sua vida (a Imperatriz Josefina e Humboldt) e a terceira, ligada ao período idílico vivido em companhia de Humboldt na América. Seria esta a grande lição americana de Bonpland?

Ouvir o relato dos que ficaram à sombra, ou seja, a partir da retomada dos vestígios memoriais de quem não teve sua vida fixada pela historiografia oficial, traz ao leitor o frescor de penetrar na história a partir de uma focalização outra. Se quem narra é quem ficou à sombra, à margem dos grandes acontecimentos, sua narrativa iluminará os desvãos da história, a micro-história, o que foi desprezado (os restos) pelas grandes narrativas (pretensamente) totalizadoras.

As asperezas de sua permanência na América o ensinaram a habitar a distância, expressão utilizada por Maria Bernadette Porto para falar de escritas migrantes ou do exílio, e a praticar constantemente a reapropriação simbólica do lugar no continente de adoção. Trata-se, portanto, de mais uma variação – e segundo Assis Brasil as variações podem ser infinitas – sobre o tema da mobilidade, do nomadismo territorial, mas também do nomadismo intelectual que o protagonista realiza constantemente na passagem de sua cultura de origem (europeia) a sua cultura de adoção (americana),

### Referências:

AIMÉ BONPLAND. [http://fr.wikipedia.org/wiki/Aim%C3%A9\\_Bonpland](http://fr.wikipedia.org/wiki/Aim%C3%A9_Bonpland)

ASSIS BRASIL, L.A. *Figura na sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

..... *O pintor de retratos*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

..... *A margem imóvel do rio*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

..... *Música perdida*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. IN: *Obras escolhidas*. Vol. 1. Magia e técnica; arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERND, Z. Vestígios memoriais: fecundando as literaturas das Américas. *Conexão Letras*, Instituto de Letras/UFRGS, n. 6, v.6, 2011, p. 9-16.

..... Nomadismo. IN : BERND, Z. (org.) *Dicionário das mobilidades culturais; percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 301-316.

[MarcusTulliusCicero](http://www.forumromanum.org/literature/cicero/senf.html). Trad. Charles Appuhn. *Cicéron: De la vieillesse, De l'amitié, des Devoirs*. Paris : Garnier, 1933. <http://www.forumromanum.org/literature/cicero/senf.html>

GODET, Rita O. Errância/migrância/migração. IN: BERND, Z. (org.) *Dicionário das mobilidades culturais; percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p; 189-210.

LES ÉCRIVAINS voyageurs. *Magazine Littéraire*, Paris, n.432, junho 2004,

L'ERRANCE, de Cervantès aux écrivains voyageurs. *Magazine Littéraire*, Paris, n.353, abril 1997.

MOREIRA, C. A. Um peregrino da sombra. *Segundo Caderno, ZH*, Porto Alegre, 29/08/2012, p.1.

PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. IN: LANGUE, Frédérique; PESAVENTO, Sandra J. (orgs.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

PORTO, M.B.; VIANNA NETO, A.R. (orgs.) *Habitar e representar a distância em textos literários canadenses e brasileiros*. Niterói: EDUFF, 2012.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América; a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.